

1940

O Estado Nacional e a protecção aos índios

E' preciso que a repartição oficial encarregada da civilização dos selvícolas encontre decidida cooperação da burocracia — Momento excepcional — O primeiro Presidente da República que se integra na obra de Rondon — O Sr. Getúlio Vargas irá a Mato Grosso, para completar o circuito que iniciou do sertão brasileiro —



O presidente Getúlio Vargas entre os selvícolas de Goyaz.

Quando o sr. Getúlio Vargas tomou passagem a bordo de um avião e foi a Belém, onde travou relações pessoais com os selvícolas do Brasil, a impressão que tivemos os nacionistas foi a de que ia iniciar-se uma nova fase para o Serviço de Proteção aos Índios. Esse serviço foi organizado por uma das figuras estelares da Nação, o eminente Rondon, cujo nome não podem ser escrivet sem profunda commoção, ao lembrar-lhe a imensa e denodada obra a que se dedicou, desde os dias já longínquos de sua mocidade. O regimen de 1939 poderia ter falhado em tudo, mas lhe bastaria, para justificá-lo aos olhos da posteridade, a ciúme desse eminentíssimo discípulo de Benjamin Constant, que chama a si o levar a civilização às selvas.

Desde o dia abençoado em que o sr. Getúlio Vargas viou para Goyaz, alguma coisa se ha acrescentado à intemperata iniciativa de Rondon e seus prementes companheiros: o interesse da burocracia pelo serviço de proteção aos índios. Bastou, assim, que o sr. Ge-

túlio Vargas fizesse um primeiro movimento, para que a emperrada organização administrativa lhevesse orelhas fitas preservando as intenções do chefe da Nação, para as seguir. Desta forma, um segundo movimento do presidente da República desencadearia o interesse geral para o grave problema.

Sabemos, por notícias que nos vêm do interior da Republica, que missionários do Serviço de Proteção aos Índios entraram em contacto com algumas tribus que, até agora, obstinadamente recusaram entender-se com os brancos. Quer o facto significar que, dentro de breve espaço de tempo, terão os discípulos de Rondon vencido as grandes resistências psychologicas dos selvícolas, que fezaram a margem da civilização. Para quem saiba o que custa esse trabalho, em dedicação, em desapegoamento pessoal, em sacrifícios, aos funcionários dos serviços de índios, noticia reveste aspecto sensacional.

Desde há dias corre, igualmente, que o sr. Getúlio Vargas pretende voltar ao sertão, indo agora a Mato Grosso, avançando, por dia afora, as minas de ouro, descobertas pelo general Rondon, nas fronteiras da Bolívia. A coincidência dos factos sobre grandes operações é conquista definitiva da vidente burocracia, porquanto, como vimos, outra motivação da visita do presidente Vargas para esta grande zona traz, também por mala lealidade, a reabilitação dos selvícolas, a reabilitação da Nação, todo o que é de paz e de justiça pacífica nos trópicos.

Ora, o Serviço de Indios que nos finais suspira, é de fato, muito desdenhoso a fe e este pôde facilmente dirigir, porque não desconfiar com os procedimentos que se observam a sua iniciativa. Porque falam os mesternos do Serviço de Índios que, melhor estabelecido e melhor conhecido as fronteiras do Brasil, devem chegar a Nação. Ninguém sabe de imensos e ricos

vales, o que cumpriria quando a movimentação de tribus, aria e concessões de fundos que constituiriam tal a como essa autonomia, para que suas alegriações se desenvolvessem em tesa plenitude. A administração pública, como já se disse, é uma máquina montada para dizer "não". Estereotipa a concepção de uma fiscalização extrema da aplicação de verbas, que tolhe o movimento dos financeiros honestos, e não serve de nada para frear os desonestos indígenas. Da autonomia suficiente, mesmo que seja cerrada de um acréscimo de responsabilidades na direcção dos serviços de índios, é necessidade que se impõe. Muitos serviços hanno Estado, que não se podem atrelar a essas convenções estériles da burocracia, como, por exemplo, os de polícia. Porque não conceder ao serviço de índios regime semelhante?

Na sua conferência no "DIP",

que é um dos mais expressivos

documentos do Estado Nacio-

nal, traçou o general Rondon as

directrizes dos serviços que ainda

hoje superlavrante dirige, mos-

trando como se ha de educar o

selvícola no seu próprio "habitat",

para o que apresentou os me-
todes aconselhados por sua in-
guavel experiença. Não ha, na
verdade, outra maneira de levant-
adiante essa obra nacionista que
se reveste do maior interesse para
o futuro do Brasil, por quanto são
milhares de homens utiles que ire-
mos incorporar effectivamente à
população do Brasil, que delles ne-
cessita, e mais do que de outros,
porque se trata de gente addita à
terra, adaptada à aspera natureza de
nossos setores, quasi impermeável
ao homem educado com os confor-
tos da civilização. No dia em que
a população selvícola estiver inte-
grada activamente no Brasil, ter-
emos alcançado um dos momentos
altos de nossa existencia util co-
mo nação.